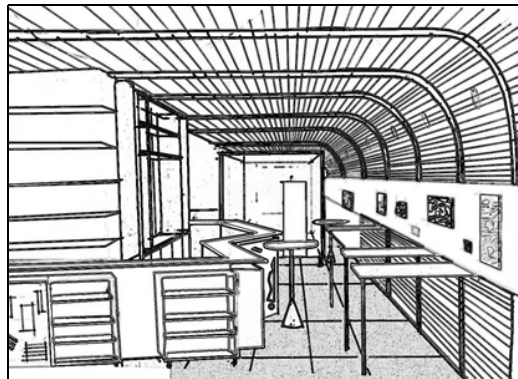


**Café Kahlúa: Mutabilidade e Consumo**



---

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO CONTINUADA – PUCMINAS**  
**ARQUITETURA DE INTERIORES**  
TRABALHO FINAL  
ORIENTADORA: Rita de Cássia Lucena Velloso  
ALUNO: Frederico Mourão Octaviani Bernis  
2004

## Sumário

INTRODUÇÃO	03
PROGRAMA E PROJETO	04
EXPERIÊNCIA: O PRECONCEITO QUE ENCERRA O ESPAÇO	08
MUTABILIDADE COMO ESTRATÉGIA PARA APROPRIAÇÃO	10
CONCLUSÃO	16
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	17
ANEXO 01	18

## **Café Kahlúa: mutabilidade como estratégia para apropriação e consumo**

“Esse privilégio de sentir-se em casa em qualquer lugar pertence apenas aos reis, às prostitutas e aos ladrões.”

Balzac, Honoré de

### **1. INTRODUÇÃO**

A discussão da possibilidade de se explorar a relação do usuário com o espaço como estratégia de projeto é a razão principal da escolha do *Café Kahlúa*, na Rua Guajajaras, região central de Belo Horizonte, como tema a ser analisado neste texto<sup>1</sup>. O assunto se mostra relevante por se tratar de um estabelecimento comercial de rua, no Centro da cidade, com cerca de 360 m<sup>2</sup> e grande fluxo de pessoas. O Café Kahlúa já existia em outra sede, situada ao lado da sede atual, e atendia a uma clientela diária de aproximadamente 750 pessoas. Em virtude da pequena área e do grande movimento da loja antiga, tornou-se necessária a mudança para uma loja maior.

O estabelecimento apresenta hoje uma posição consolidada como espaço de venda de produtos de tabacaria e café na área central de Belo Horizonte. Mais do que apenas uma loja, é também reconhecida como ponto de encontro de pessoas que freqüentam áreas adjacentes à esquina da Rua da Bahia com a Avenida Álvares Cabral. Esse fato se sustentou, no Café antigo, através da relação cordial e até de amizade estabelecida entre proprietários e clientes. Esse tipo de relação particular entre donos e fregueses pode ser encarado como motivo fundamental para o sucesso do estabelecimento.

O desafio do projeto, então, é conceber um espaço que atenda a complexidade do programa de um café/tabacaria de 360 m<sup>2</sup>, sem que se perca a importante proximidade entre proprietários e clientes que existia na pequena loja anterior, criando um ambiente de encontro onde os fregueses pudessem se sentir donos do lugar.

---

<sup>1</sup> O presente texto foi desenvolvido como trabalho final para o curso de Arquitetura de Interiores, do IEC (Instituto de Educação Continuada – Pucminas).

Sendo assim, o que se pretende no presente texto é fazer uma análise, desde o conhecimento do programa até a concepção do Café, que explicita a estratégia de projeto, mostrando uma abordagem que passa por duas visões complementares acerca do usuário:

- Experiência: o preconceito que encerra o espaço;
- Mutabilidade como estratégia para apropriação;

Em primeiro lugar, será feita uma descrição do programa e do projeto do Café Kahlúa. Em seguida, passaremos à análise propriamente dita, identificando os aspectos da importância do usuário na concepção do espaço.

## **2. Programa e projeto**

A principal característica do programa para a nova loja do Café Kahlúa era a necessidade de que o espaço admitisse diferentes usos, inclusive de forma simultânea. Além do uso como cafeteria e tabacaria, que já pressupõe a locação de todo um equipamento específico (máquinas de café, estufas para alimentos, expositores de charutos, etc...), o espaço ainda deveria possibilitar exposições artísticas, apresentações musicais, áreas reservadas para propagandas (importantes para a viabilização econômica do projeto) e telão, de forma a atender um movimento estimado em 1500 pessoas por dia. Esse movimento diário intenso se deve, em parte, à localização do estabelecimento na região central da cidade, numa área de grande tráfego de pedestres e intenso trânsito de automóveis.

O espaço disponível da loja se divide em três pavimentos: térreo, subsolo e mezanino, sendo que o subsolo deveria ficar reservado para a uma adega a ser instalada futuramente. Sendo assim, o Café deveria se distribuir entre térreo e mezanino.

A vitrine da loja possui quase seis metros de frente e é dividida ao meio por um pilar de sustentação do prédio que a abriga. Em virtude disso, temos de um lado do pilar a entrada da loja (01), e do outro, espaço para exposição de produtos (02).

A entrada do Café se dá através de um piso envidraçado (03) que permite ver o subsolo (onde deverá se instalar a adega). Em frente à entrada, situa-se o balcão de atendimento (04), que se prolonga para o interior da loja. Atrás do balcão de atendimento, foram criadas mais prateleiras expositoras, além da bancada de trabalho com pia (05), máquinas de café e demais equipamentos necessários. Na parede situada em frente ao balcão de atendimento, foram criadas mesas (06) com rodízios que permitem sua movimentação por quase toda a extensão da loja.

Em todo o Café, foi projetado um forro em régua de mdf (medium density fiberboard) que se estende, em curva, até a parede, possibilitando diferentes tipos de iluminação.

No fundo da loja, criou-se um cômodo com controle de umidade e temperatura para estoque e exposição de charutos, chamado umidor (07), que assim como as mesas acima citadas possui rodízios que possibilitam a sua movimentação. Ao lado do umidor, numa área de pé direito duplo (08), foi feita uma ambientação mais confortável com poltronas e mesas baixas, com uma grande parede e teto pintados de vermelho. Também aí, no fundo da loja, situam-se as instalações sanitárias para atendimento do público (09).

A subida para o mezanino se dá através de uma escada caracol metálica com fechamento em policarbonato alveolar leitoso (10). No mezanino, encontram-se os vestiários para funcionários (11), a cozinha (12), a despensa (13) e a área de administração do Café (14). Além disso, tem-se também uma copa (15) e uma área de serviço (16) que atendem ao quarto dos proprietários (17), que têm a possibilidade de residir no local. Do quarto dos proprietários, prolonga-se uma passarela em tela metálica (18), na mesma projeção do piso envidraçado do térreo, que permite ao proprietário visualizar tanto a entrada da loja, quanto a rua (ver figuras 01, 02 e 03).

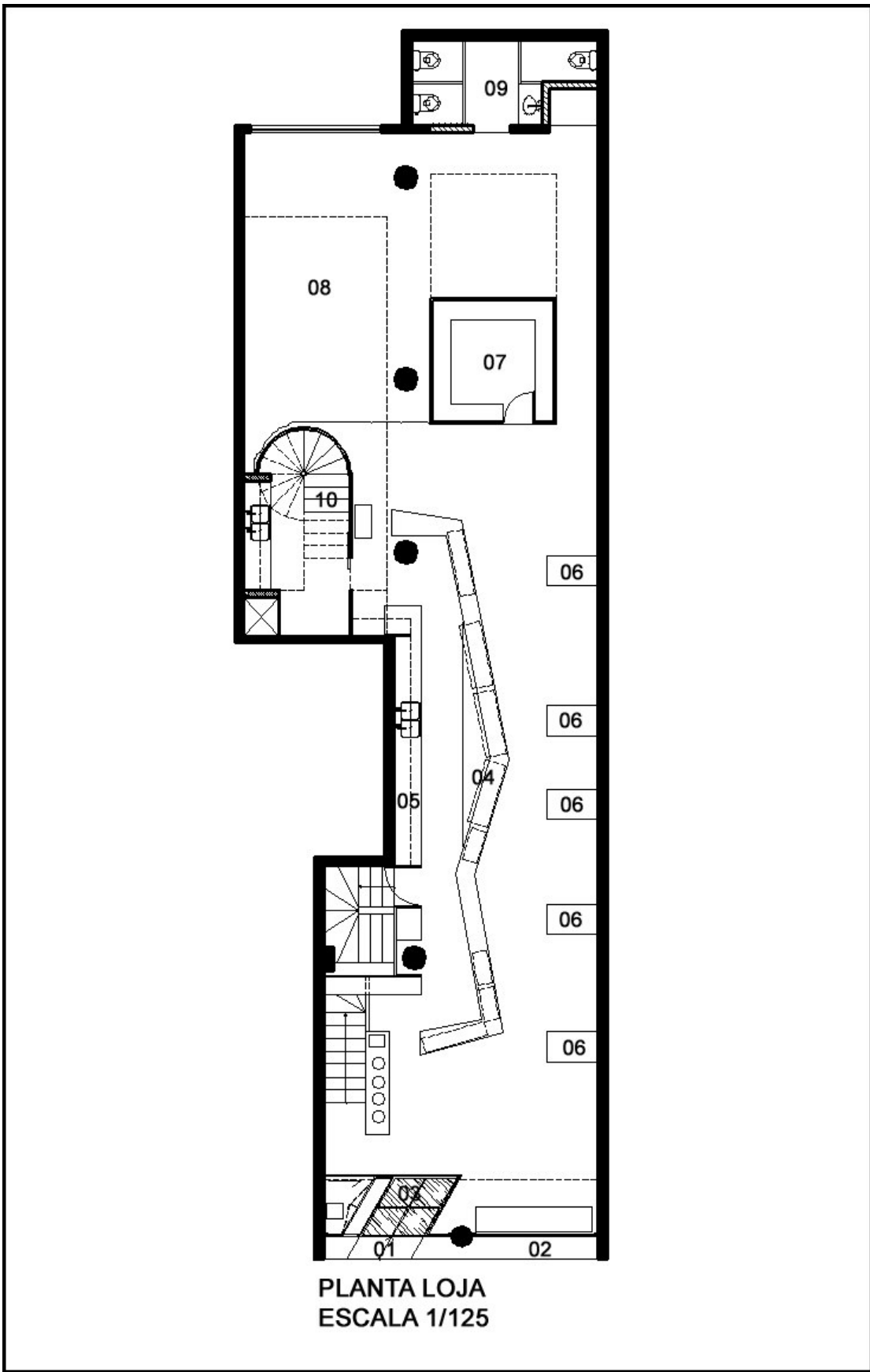


FIGURA 01 – Planta loja

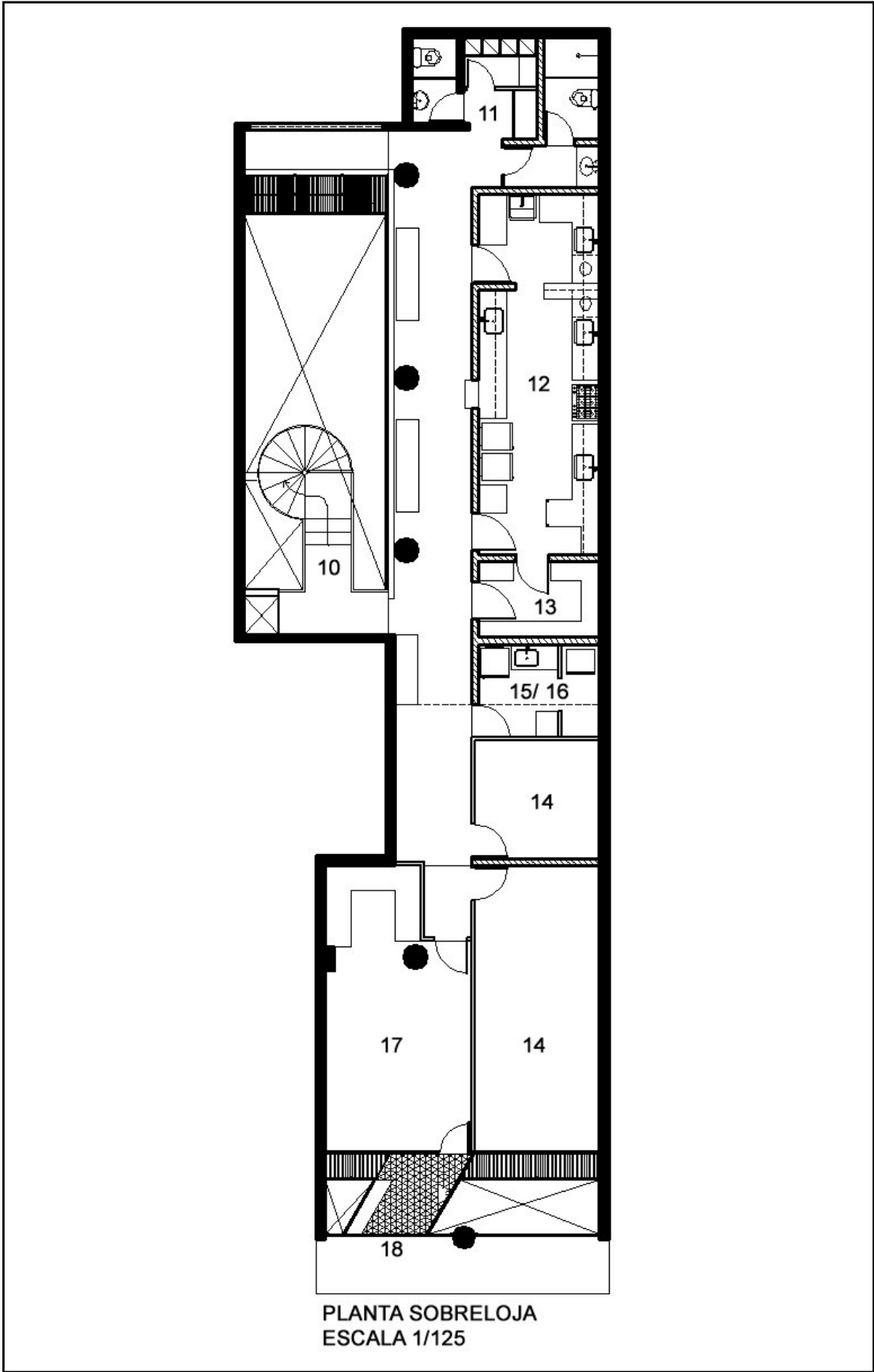


FIGURA 02 – Planta sobreloja

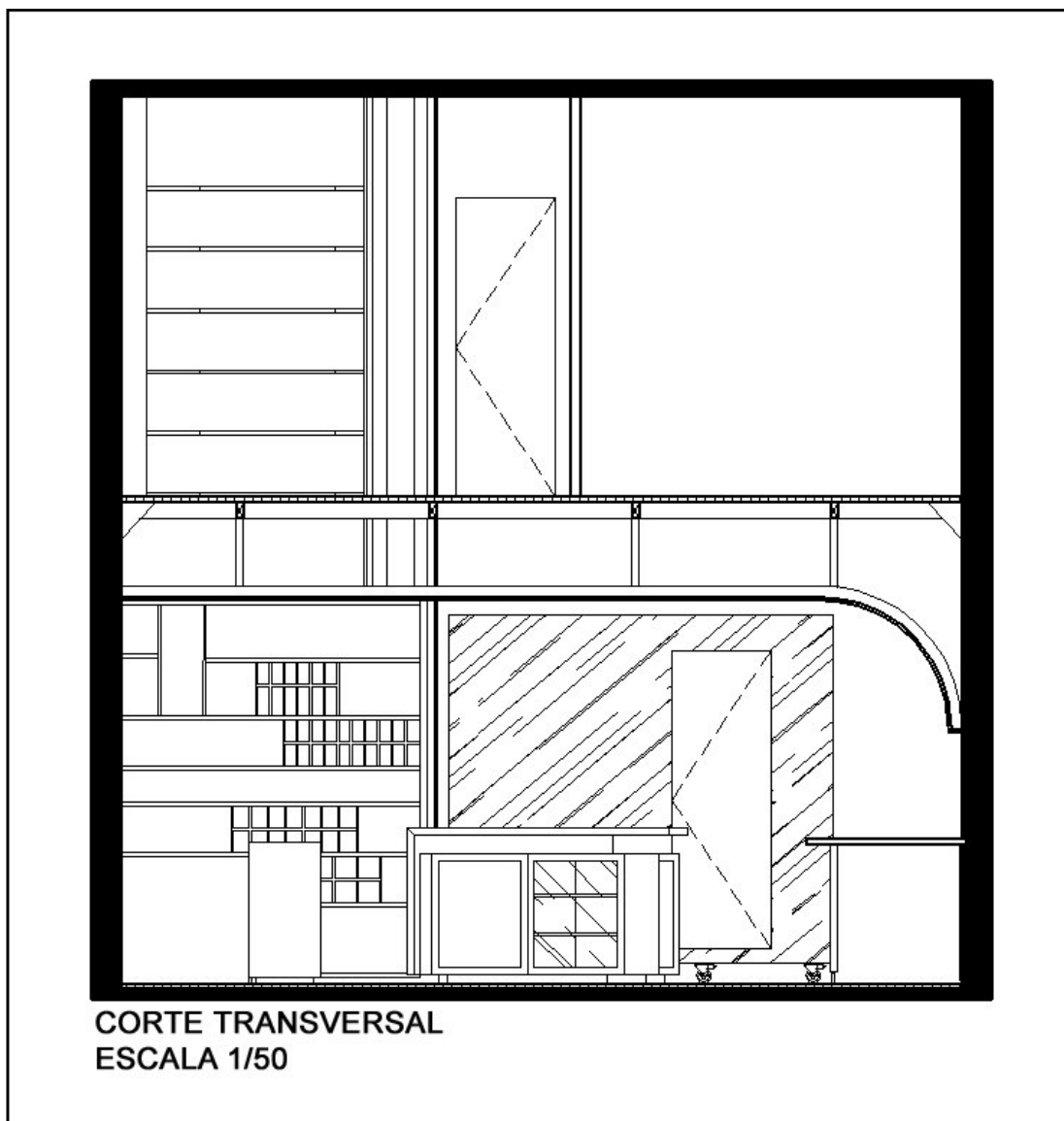


FIGURA 03 – Corte longitudinal

### 3. Experiência: o preconceito que encerra o espaço

“A experiência é uma lanterna  
dependurada nas costas que apenas  
ilumina o caminho já percorrido.”  
Confúcio

Como já foi dito, uma das premissas principais para a concepção do Café Kahlúa foi a relação do usuário com o espaço. A estratégia utilizada foi a de se criar um espaço que surpreendesse o usuário não pela busca da beleza da forma, e sim através do incentivo a um novo tipo de interação desse usuário com o espaço.



O que temos visto, nos dias de hoje, é uma relação apenas funcional do indivíduo com o meio em que vive, e essa relação funcional acaba sendo encorajada pela arquitetura comercial vigente, criada de forma irrefletida para ser reproduzida em série ao longo da cidade, desconsiderando o habitante e a especificidade inerente a cada projeto.

“O homem da economia de mercado não quer outra coisa a não ser relacionar-se funcionalmente com objetos inconscientemente pressupostos.”<sup>2</sup>

Esse tipo de postura apática do usuário se origina na economia de mercado, na busca do lucro através da produção em série. A produção em série pressupõe um nivelamento e uma homogeneidade dos usuários que não existem na realidade, mas que são impostos pela indústria. Essa imposição desumaniza e dá origem a esse usuário inerte, que não participa e não interage com as coisas ao seu redor. Em seu poema “Edifício Esplendor”, publicado ainda nos anos 40, o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade já abordava a questão:

“Na areia da praia  
Oscar risca o projeto.  
Salta o edifício  
da areia da praia.

No cimento, nem traço  
da pena dos homens.  
As famílias se fecham  
em células estanques.

O elevador sem ternura  
expele, absorve  
num ranger monótono  
substância humana.

Entretanto há muito  
se acabaram os homens.  
Ficaram apenas  
tristes moradores.”<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> KURZ, Richard. *Os últimos combates*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

<sup>3</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.

O poema fala a respeito da arquitetura modernista, aqui representada na figura de Oscar Niemeyer, e trata da questão do aspecto desumano da então nova forma de habitação. É importante perceber que, na terceira estrofe, o elevador (sujeito) é o responsável pelas ações – expele, absorve – ao passo que o homem (objeto) apenas se submete a tais ações de forma passiva, sendo por isso qualificado com a notável expressão “substância humana”. Trata-se, aqui, de “tristes moradores” fechados em “células estanques”.

É exatamente esse estado de apatia, abordado no poema de Drummond, que o projeto do Café Kahlúa busca evitar. É a tentativa de mostrar ao usuário uma situação nova, onde sua participação na configuração do espaço é necessária e represente uma experiência nova, diferente do habitar automático e distraído a que ele está acostumado. É necessário causar algum espanto no usuário, de forma a acordar sua percepção para o habitar, desde o momento em que ele avista, da rua, a loja, até o momento em que se torna cliente e passa a habitar com frequência as dependências do Café.

“Todavia, não me espanto, ninguém se espanta. As pessoas passam e nem olham.”<sup>4</sup>

#### 4. Mutabilidade como estratégia para apropriação

“... talvez fosse pertinente experimentarmos projetos com possibilidades de múltiplas mutações ao longo do tempo; ou seja, espaços em cuja concepção se tenta incluir mudanças constantes de configurações imprevistas e projetos que sejam capazes de acumular, ao longo do tempo, certos registros dos seus vários estados. Prefiro o termo *mutabilidade* ao termo *flexibilidade*, porque algo em mutação tem sempre estados determinados, definidos. O ser mutante não é amorfo: ele salta de uma forma para outra.”<sup>5</sup>

Silke Kapp

Um espaço com grande movimento de pessoas e que aspirava a uma série de atividades simultâneas não poderia ser resolvido de forma estanque, pois estaria solucionando apenas momentaneamente as questões surgidas

---

<sup>4</sup> RODRIGUES, Nelson. *A menina sem estrela*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Em 1967, o escritor brasileiro Nelson Rodrigues já escrevia em sua coluna no jornal “Correio da Manhã” sobre a perda da capacidade do homem, inclusive ele próprio, de se espantar.

quando da análise do programa apresentado pelos clientes. Era importante que o projeto arquitetônico agenciasse várias possibilidades no espaço, ao invés de tentar encontrar uma “solução ideal” que na verdade só significaria uma solução, impossibilitando todas as outras. Nesse contexto, o conceito da mutabilidade se aplica mais que o da flexibilidade, uma vez que a mutabilidade pressupõe uma alteração mais constante, quase imediato, do arranjo espacial, ao passo que a flexibilidade estaria mais ligada ao conceito de planta livre, possibilitando modificações que exigem intervenção profissional como substituição de alvenaria por divisórias leves, panos de vidro, etc. Como já foi dito, o que se quer aqui é a intervenção constante do usuário comum, dos proprietários e dos clientes.

Em primeira instância, a mutabilidade do espaço aparece no projeto como forma de evitar sua obsolescência logo após o instante de sua concepção:

“...os *programas* são hipóteses extraídas de instantes de tempo congelados. E esse tempo congelado no qual o programa se fundamenta é uma abstração. Subtrai-se de uma situação empírica a maior parte das transformações ou mutações a que ela está sujeita. Pensa-se com muita objetividade, mas há apenas tênues resquícios do objeto nesses raciocínios. O objeto real em que o projeto incide – seja a situação de um indivíduo, seja a de um grupo ou de uma cidade inteira – não persiste como era no instante do congelamento. Nesse sentido, o programa também é uma *hipóstase*, uma ficção ou abstração falsamente considerada real.”<sup>6</sup>

Em seguida, a possibilidade de mutação na conformação espacial do Café Kahlúa tem como intuito promover uma interação especial entre usuário e espaço. Através do hábito que resulta da frequência diária no Café, busca-se a intensificação da participação desse indivíduo e uma conseqüente sensação de familiaridade com o ambiente. Entretanto, é necessário explicar como se dá esse contato do usuário com o café.

O primeiro contato se dá na entrada, onde o piso envidraçado, além de permitir a visão da loja (futura) do subsolo, causa uma sensação de insegurança que leva a uma desaceleração do caminhar e a um aumento de

---

<sup>5</sup> KAPP, Silke. *Armadilhas. Algumas palavras sobre o concurso para a sede do Grupo Corpo* [online]. < <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg000/bases/texto124.asp>>.

<sup>6</sup> Idem.

atenção. Enfim, trata-se do primeiro momento em que se busca acordar a percepção para o espaço, marcando também a entrada para o café.

Já dentro da loja, o usuário se depara com um mobiliário que permite simples manipulação. As mesas com rodízios podem ser facilmente movidas para a criação de novos leiautes. A forma irregular do balcão de atendimento se deve justamente ao fato de possibilitar diferentes ambientações, de acordo com a posição dessas mesas. Somando-se a estas mesas com rodízios, completam o mobiliário mesas redondas com duas alturas diferentes que diversificam ainda mais as acomodações no café. Além disso, há também a possibilidade de se sentar em bancos altos no próprio balcão de atendimento.

O balcão possui expositores móveis de charutos, produtos de tabacaria e revistas, que podem ser mudados de local de acordo com o desejo dos proprietários, servindo a diferentes eventos (figs.04 a 07). Outra questão importante é a negociação entre o design do mobiliário e os espaços de propaganda. Alguns móveis, como os expositores do balcão de atendimento, já foram desenhados para que pudessem ser utilizados como painéis de publicidade (fig. 08).



FIGURA 04 – Vista interna: balcão de atendimento e mesas.

O umidor (espaço para armazenamento de charutos) também possui rodízios e trilhos embutidos no forro que possibilitam sua movimentação com o intuito de aumentar ou reduzir a sensação de tamanho do café, separando a área de balcão e mesas do *fumoir* situado ao fundo.



FIGURA 05 – Vista interna: balcão de atendimento, mesas e umidor ao fundo.



FIGURA 06 – Vista interna: balcão de atendimento e mesas.



FIGURA 07 – Vista interna: mesas e umidor.

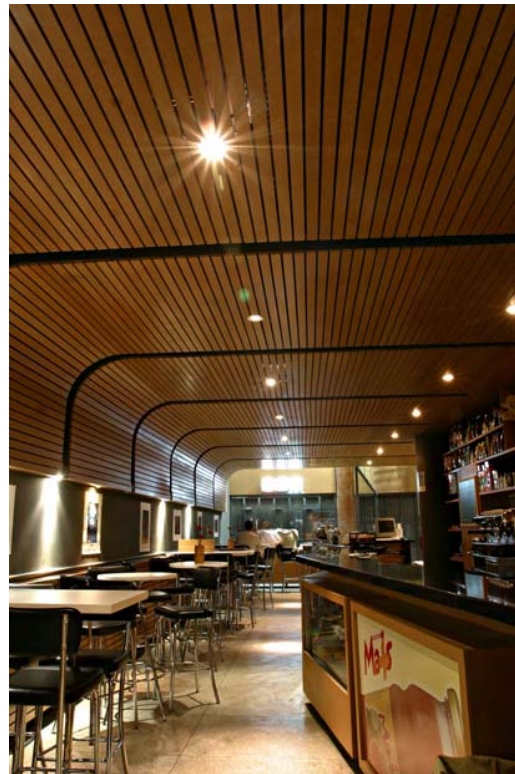


FIGURA 08 – Detalhe espaço p/ propaganda.



FIGURA 09 – Umidor, *fumoir* e escada com fechamento em policarbonato alveolar leitoso.



FIGURA 10 – *Fumoir* e escada com fechamento em policarbonato alveolar leitoso.



FIGURA 11 – Umidor, *fumoir*, escada com fechamento em policarbonato alveolar leitoso e fechamento do mezanino em réguas de mdf.



FIGURA 12 – Umidor, *fumoir*, fechamento do mezanino em réguas de mdf e entrada para banheiros ao fundo.

Também com a intenção de permitir ao proprietário diferentes tipos de utilização, a parte de iluminação da loja foi dividida em 21 circuitos independentes, com variados tipos de lâmpadas (ANEXO 01), que permitem a criação de diferentes efeitos e ambientações.

“The visitor can create furniture arrangements according to his or her needs.”<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> GILI, Gustau (Ed.). *Allan Wexler*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1988. p.25.

## 5. Conclusão

Através do incentivo ao contato entre o usuário e o espaço por ele habitado, explorando a estratégia da mutabilidade, espera-se criar uma maior sensação de familiaridade com o ambiente. É importante para o estabelecimento que seus clientes se sintam confortáveis e tenham uma relação destacada com o Café. É a partir daí que se dará a apropriação pelo usuário. Tornando próprio o que antes talvez provocasse estranhamento, o cliente passará a ter uma nova relação com o espaço, diferente da recepção distraída a que estamos acostumados.

Dentro do perfil de um estabelecimento comercial como esse é fundamental essa apropriação pelos usuários, uma vez que o consumo dos produtos oferecidos pelo Café está diretamente ligado ao número de pessoas que o frequentam diariamente.

Uma vez que a obra já está concluída e o Café já funciona normalmente, tornam-se relevantes algumas considerações acerca do projeto. Algumas possibilidades de mutações previstas em projeto, como os expositores móveis do balcão de atendimento e o umidor móvel, por enquanto não foram utilizadas, o que não significa que não possam vir a sê-lo futuramente. Em contrapartida, já foram experimentadas pelos proprietários diferentes configurações de leiautes, de modo a servir a diferentes eventos. Pode-se perceber também, porém com menor frequência, mudanças de leiaute promovidas pelos próprios clientes.

Mesmo com toda uma postura de projeto voltada para a mutabilidade com o objetivo de alcançar uma maior longevidade do projeto, é necessário destacar que sempre haverá uma série de fatores que fogem ao alcance dos arquitetos e que extrapolam as possibilidades daquilo que foi projetado. Na vida real, essas imprevisões vão sempre influenciar no espaço projetado. O espaço real a ser habitado é, sempre, resultado do encontro do projeto com o inevitável imponderável.

“Control: what people make of my building is outside my control”.<sup>8</sup>

Rem Koolhaas

---

<sup>8</sup> KOOLHAAS, Rem, MAU, Bruce. *Small, Medium, Large, Extra large*. Office for metropolitan architecture. Rotterdam: 010 Publishers, 1995.



## 6. Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. *Mínima Moralía*. São Paulo, Ática, 1993.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.

Benjamin, Walter. *Reflexões Sobre A Criança, O Brinquedo E A Educação*. 2002.

GILI, Gustau (Ed.) . *Allan Wexler*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1988. p.25.

KAPP, Silke. *Armadilhas. Algumas palavras sobre o concurso para a sede do Grupo Corpo* [online]. <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/bases/texto124.asp>>.
















KOOLHAAS, Rem, MAU, Bruce. *Small, Medium, Large, Extra large*. Office for metropolitan architecture. Rotterdam: 010 Publishers, 1995

KURZ, Richard. *Os últimos combates*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

RODRIGUES, Nelson. *A menina sem estrela*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

## 7. Anexo 01

### Quadro de especificação do projeto luminotécnico do Café Kahlúa

ILUMINAÇÃO	
	LUMINÁRIA DE EMBUTIR, DIRECIONÁVEL, P/ LÂMPADA DICRÓICA 20W
	LUMINÁRIA DE EMBUTIR, DIRECIONÁVEL, P/ LÂMPADA DICRÓICA 50W
	SPOT P/ TRILHO, P/ LÂMPADA DICRÓICA 50W
	LUMINÁRIA DE EMBUTIR, FIXA, P/ LÂMPADA HQI 70W
	LUMINÁRIA DE EMBUTIR, FIXA, P/ LÂMPADA HQI 150W
	LUMINÁRIA DE EMBUTIR, FIXA, P/ LÂMPADA FLUORESCENTE COMPACTA "PL"
	LUMINÁRIA DE EMBUTIR, DIRECIONÁVEL, P/ LÂMPADA INCANDESCENTE ESPELHADA 60W, COM DIMMER.
	LUMINÁRIA DE EMBUTIR, DIRECIONÁVEL, P/ LÂMPADA HALOPIN 20W
	LUMINÁRIA DE EMBUTIR, DIRECIONÁVEL, P/ LÂMPADA AR 70
	SPOT P/ TRILHO – LÂMPADA AR 70
	PLAFON TIPO "GLOBO" P/ LÂMPADA INCANDESCENTE COMUM, COM BULBO TIPO PÉRA.
	LUMINÁRIA DE EMBUTIR, DIRECIONÁVEL, P/ LÂMPADA DICRÓICA 50W
	BALIZADORES ACOMPANHANDO DEGRAUS DA ESCADA (30 cm ACIMA) LÂMPADA HALOPIN 40W
	LÂMPADAs FLUORESCENTES 40W LUZ AMARELADA
	LÂMPADAs FLUORESCENTES 40W ENVOLVIDAS EM GELATINA COLORIDA